

HUMOR E RESILIÊNCIA: AS IMPLICATURAS NAS TIRAS “SUPERNORMAIS”

Maria da Penha Pereira Lins¹

Danndara Wagmaker Gonçalves²

RESUMO:As histórias em quadrinhos são presença marcante em inúmeras esferas midiáticas. Entre a gama de gêneros autônomos que compõe este hipergênero, está o que chamamos de tiras em quadrinhos. Neste trabalho, estamos focalizando as tiras “SuperNormais”, que abordam as dificuldades e os preconceitos enfrentados por pessoas com deficiência, no cenário atual. Assim, o foco desta pesquisa é desenvolver uma análise pragmática do conteúdo dessas tiras, tendo como base os ensinamentos Grice ([1975]1982), que nos auxiliam a identificar nos textos as implicaturas que dirigem no sentido de inferências ligadas à intenção do autor. No que se refere à linguagem humorística, buscamos auxílio, principalmente, nas teorias de Bergson (1987) e Propp (1992), que relacionam a comicidade com o riso, Lins e Gonçalves (2013), que analisam o cômico em gêneros dos quadrinhos e Gomes (2008), que trata da questão da resiliência realizada a partir de um comportamento bem-humorado. Esse aparato teórico nos dá a possibilidade de observar elementos verbais e visuais na condução da busca do sentido pretendido no *corpus* em questão.

PALAVRAS-CHAVE:Quadrinhos. Tiras. Implicaturas. Humor. Resiliência.

ABSTRACT: Comics have a strong presence in many media spheres. Among the range of autonomous genres that compose this hyper genre, there is what we call comic strips. This work is focused on “Super Normais” comics, that discuss the issues and the pre judgment faced by people with disabilities, in the current days. Thus, this research aims at developing a Pragmatics analysis in the comic strips content, based on Grice’s ([1975]1982) thoughts, that help us to identify the texts implicature that go forward to the interference sense related to author’s intention. With respect to humorous language, we are, mainly, guided by BERGSON (1987) and Propp’s (1992) theories, related to comicalness and laughter, Lins and Gonçalves (2013), who analyze the comicalness in comic sand Gomes (2008), who works with the resilience issue from a humorous behavior. This theoretical perspective promotes the possibility of observing verbal and visual elements in leading search the corpus intended sense.

KEY-WORDS: Comics. Comic strips. Implicature. Humor. Resiliency.

Considerações iniciais

Quando falamos de humor, remetemo-nos, muitas vezes, a situações informais de simples graça. Poucas vezes paramos para pensar no que motiva ou o que gera

¹Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES), Vitória –ES, Brasil. E-mail: mpenhalins@gmail.com.

²Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (CAPES/UFES), Vitória –ES, Brasil. E-mail: danndarawagmaker@hotmail.com.

determinada situação cômica. Com a evolução dos estudos linguísticos, pode-se perceber que o humor vai além da simples graça, por isso, se faz necessário analisar quais mecanismos motivam o risível.

Para explicar essas questões, alguns estudos foram desenvolvidos em diversas áreas, como a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia e a Linguística, sendo esta última responsável por identificar os mecanismos estabelecidos por fatores linguísticos e não linguísticos. Lins e Gonçalves (2013) defendem que não deve haver limitação do estudo sobre o humor apenas para as questões linguísticas, mas acreditam na necessidade de um estudo interdisciplinar, que envolva, também, questões socioculturais e psicológicas.

Ao refletir sobre as possibilidades de haver comicidade em situações adversas, Gomes (2008) alia o conceito de resiliência psicológica à definição de humor, o que amplia as possibilidades de análise das situações interativas. É o caso das tiras “Super Normais”, em que seus autores buscam levar uma mensagem de conscientização por meio de tiras críticas e bem-humoradas.

Desse modo, nosso trabalho está organizado em quatro seções: a primeira tem como foco definições a respeito dos estudos pragmáticos, mais especificamente dos conceitos explicitados por Grice ([1975]1982); a segunda discorre sobre os conceitos de humor e resiliência; a terceira sobre o gênero textual tiras em quadrinhos e, por fim, a quarta seção desenvolve uma análise a respeito das implicaturas criadas a partir das interações humorísticas do *corpus* em questão.

Estudos pragmáticos: o princípio da cooperação de Grice

A comunicação é fundamental para a interação humana. Para nos comunicar, utilizamos diversas formas de linguagem, como a oral e a escrita. Contudo, não costumamos analisar quais mecanismos determinam as escolhas linguísticas e o que motiva o uso de uma expressão em vez de outra, na fala presente em nossos diálogos. A Pragmática é o ramo da Linguística que estuda a linguagem nos contextos de comunicação e busca analisar o sentido do falante na interação.

Nesse sentido, é possível afirmar que somente os conhecimentos a respeito da estrutura da língua não são suficientes para que se tenha uma interação totalmente bem-

sucedida, pois, no ato comunicacional, é exigido de nós muito mais do que a intercambiação dos significados preestabelecidos. É preciso que os participantes da interação, além de decodificarem a mensagem, façam inferências a partir do contexto em que estão inseridos, para que, assim, interpretem corretamente os enunciados. Para exemplificar o exposto acima, Oliveira e Basso (2014) propõem o seguinte exemplo:

Imagine que um funcionário público esteja preenchendo um formulário e pergunte à entrevistada: “Estado Civil?”. A entrevistada responde: “separada”. [...] Essa mesma expressão linguística, em uma situação diferente, pode veicular outras informações para além do estado civil. Imagine a mesma pessoa agora conversando num *chat* de relacionamentos amorosos na internet e dizendo/escrevendo ‘separada’. [...] Nesse caso, ela profere “separada” com a intenção não apenas de informar seu estado civil – o que ela também faz –, mas de veicular que está disponível para um relacionamento afetivo (OLIVEIRA E BASSO, 2014, p.17).

Segundo os autores, quando falamos, procuramos alcançar linguisticamente determinados objetivos. Ou seja, a ação linguística é realizada intencionalmente e o objetivo do locutor é que seu ouvinte perceba essa intenção. Percebendo a intenção do falante, o ouvinte estará fazendo uma inferência sobre a implicatura construída pelo interlocutor. Os estudos pragmáticos visam a analisar esse tipo de acontecimento, em que procuramos desvelar as intenções, a partir dos significados das sentenças proferidas.

Nesse sentido, o filósofo britânico Herbert Paul Grice apresentou, em 1967, as condições gerais que se aplicam à conversação, durante a palestra William James, ministrada em Harvard. As publicações relacionadas a essa palestra foram feitas nos anos de 1975 e 1978, no artigo intitulado “Lógica e conversação”. Tal publicação foi traduzida para o português no ano de 1982, pelo professor João Wanderley Geraldi, e publicada pela editora da Unicamp.

Em “Lógica e conversação”, Grice ([1975]1982) propõe um modelo conversacional que explica as estratégias que regemos atos comunicativos, atividade linguística que fazemos cotidiana e naturalmente. Segundo Oliveira e Basso (2014), o objetivo de Grice nesse artigo é instituir uma teoria da conversação que seja capaz de explicar as inferências que fazemos, de forma natural, ao conversamos. Assim, o autor afirma que somente os seres racionais são capazes de manter uma conversa, por meio das trocas de informações, através das línguas. Quando conversamos, dizemos, ao mesmo tempo, o que implicamos.

Suponha que A e B estejam conversando sobre um amigo comum C que está, atualmente, trabalhando num banco. A pergunta a B como C está se dando em seu emprego, e B retruca: Oh, muito bem, eu acho; ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso. Neste ponto, A deve procurar o que B estava

implicando, o que ele estava sugerindo, ou até mesmo o que ele quis dizer ao dizer que C ainda não tinha sido preso (GRICE, ([1975]1982), p.84).

Ou seja, num ato linguístico, num proferimento, há dois tipos de informação: a dita e a implicada. A primeira é a informação literal, gramatical, que é chamada de proposição. A segunda, é a informação pragmática, que chamamos de implicatura. Então, o que falamos possui um significado usual (o que se diz) e as implicaturas (a interpretação do que se diz, o que realmente se quer dizer). Essa informação “oculta” é inferida pelo ouvinte, a partir da interpretação semântica de um determinado proferimento num certo contexto de fala.

Em relação à interação, Grice ([1975]1982) sugere que, quando conversamos, nos baseamos num acordo tácito de cooperação, com a intenção de que a conversa seja bem-sucedida. O participante da interação faz o possível para ser claro e eficaz em suas falas, para que o interlocutor o entenda satisfatoriamente. A partir dessas proposições, o autor elabora o Princípio Geral da Cooperação, que diz: “faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado. (GRICE, 1982, p.86)

A partir dessa noção, Grice ([1975]1982) estabelece as chamadas Máximas Conversacionais, que ditam as regras seguidas instintivamente pelos falantes, para que consigam conversar de maneira cooperativa e eficaz. São elas:

1. Máxima da Quantidade

Faça sua contribuição tão informativa quanto for necessário

Não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário

2. Máxima da Qualidade

Não diga o que você julga ser falso

Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência

3. Máxima da Relação

Seja relevante

4. Máxima do Modo

Evite obscuridade de expressão

Evite ambiguidade

Seja breve

Seja ordenado

Segundo o filósofo, quando um participante da interação viola propositalmente uma das máximas, são construídas implicaturas conversacionais. Assim, quando o falante deixa de cumprir intencionalmente uma das máximas, ele pressupõe que o ouvinte é capaz de inferir corretamente a implicatura criada, pois confia que ambos estão seguindo o Princípio da Cooperação.

Humor e resiliência

A linguagem humorística é utilizada com frequência nas diversas situações cotidianas. O humor está presente, por exemplo, numa conversa do dia a dia, em uma propaganda de TV, em filmes, em charges, e em tantos outros gêneros do discurso. Apesar do advento dos estudos sobre a linguagem humorística, supõe-se que ainda existam poucos estudos esclarecedores sobre o assunto, na área da Linguística.

Lins e Gonçalves (2013) afirmam que o humor é responsável por provocar uma atitude no homem diante da sociedade, que supõe seu caráter ridículo e, também, sublime. Por isso, ao contrário do que muitos pensam, o humor não é uma simples atitude que causa comicidade e diversão. Os mecanismos que regem a produção do humor vão muito além da simples graça e é de extrema importância compreender como e por que o humor é desencadeado em determinadas situações comunicativas. Assim, em estudos sobre o humor, deve-se levar em consideração as questões linguísticas, socioculturais e psicológicas, pois, segundo Lins (2002):

A produção do humor se faz a partir de processos interativos, nos quais não só os fenômenos linguísticos, mas também fatores de ordem psicológica e social geram condições para a produção do humor (LINS, 2002, p.18).

No livro *O riso*, Bergson (1987) teorizou a significação do cômico. Inicialmente, ele definiu o homem como o único animal que ri. Além de rir, o homem também é um animal que faz rir. Por isso, não haveria comicidade fora do que é humano. Para ele, o riso surge quando presenciamos um ato involuntário de fazer algo. Assim, quanto mais natural for a causa do cômico, mais engraçado ele será. Deformidades também provocam o riso, pois “por mais regular que seja uma fisionomia, por mais harmoniosas

que suponhamos as suas linhas, por mais flexíveis os movimentos, jamais o equilíbrio dela será absolutamente perfeito” (BERGSON, 1987, p.22). Por isso, o riso é insensível, ou seja, para rir, o homem não deve estar emocionalmente envolvido com a situação e deve esquecer temporariamente a afeição que sente.

Em seu trabalho *Comicidade e Riso*, Vladimir Propp (1992) afirma que não é possível analisar a comicidade fora da psicologia do riso e da percepção do cômico. O estruturalista russo descreve o humor como a capacidade de perceber e criar o cômico. Assim, a comicidade aconteceria ao haver uma contradição entre a forma e o conteúdo, aparência e essência, o que proporciona o descobrimento de defeitos, segredos, daquele ou daquilo que suscita o riso. Ou seja, quando há uma particularidade ou estranheza que distingue uma pessoa do meio em que vive, ela está propensa a ser vista como cômica e ser alvo de riso. Nesse sentido, Propp (1992) lista vários tipos de riso, tais como: o riso de zombaria, de curta duração, riso bom, maldoso, alegre, ritual e imoderado. Estes são definidos de acordo com a forma em que se desenvolve o cômico e a demonstração do riso no momento em que ele acontece.

Em estudos atuais, percebe-se que o humor pode ser gerado, também, em algumas situações adversas. O sentido de humor, nesse caso, ultrapassa as noções das teorias visitadas anteriormente, tendo também função de amenizar o sofrimento. Compreende-se, então, que, apesar de enfrentarmos algumas dificuldades, somos capazes de nos manter bem-humorados em algumas dessas situações. O humor pode, por isso, ser considerado uma virtude, capaz de ajudar na superação dos desafios e problemas diários.

Nesse sentido, Vitor Gomes desenvolve pesquisas a respeito do que ele denomina de “humor resiliente”. Suas teses de Mestrado e Doutorado, defendidas respectivamente em 2004 e 2008, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, visaram a explicar como o indivíduo consegue manter-se bem-humorado em situações em que o sofrimento seria inevitável. Para explicitar, ele diz:

[...] o humor exerce papel fundamental na resistência (e resiliência após) à adversidade, seja como uma maneira de suavizar a sublimar a dor existencial por meio da transmutação do doloroso em cômico, seja pela necessidade fundamental de sorrir, frustrando expectativas, pois, de onde se espera desamparo/depressão, encontra-se a alegria. Afinal, como um indivíduo que sofreu algum trauma, ou possui qualquer fator que provoque a adversidade,

pode persistir e continuar a sorrir ou, ainda, comicizar suas dores? (GOMES, 2008, p.23).

Sobre a produção do cômico, Gomes (2008) ensina que ela não parte somente de um indivíduo para o outro. É possível que o humor parta da própria pessoa que se encontra em sofrimento. Por isso, há muitas pessoas que fazem piadas de si mesmas e de suas situações negativas, por preferirem enfrentar o momento de forma positiva, mais animada. Esta atitude eleva a autoestima do indivíduo, ajudando-o a aceitá-lo melhor.

Com essa nova visão, Gomes (2008) amplia o campo de abrangência dos estudos sobre o humor, abordando uma nova possibilidade interpretativa de textos humorísticos, em que indivíduos relatam fatos sérios, mas buscam no humor um incentivo para o enfrentamento das adversidades. Como defendem Lins e Wagmaker Gonçalves (2016):

Este novo conceito de humor nos leva a pensar sobre a busca do prazer para o alívio do sofrimento [...]. É uma forma de olhar as possibilidades de solução. O que podemos afirmar é que buscar sentido no humor como enfrentamento é possível e unir este estudo às teorias linguísticas é muito enriquecedor para a área (LINS; WAGMAKER GONÇALVES, 2016, p.46).

O gênero HQ: as tiras em quadrinhos

De uma forma geral, as histórias em quadrinhos (HQs), apresentam uma modalidade própria de linguagem, operando com a mescla de estratégias verbais e não-verbais, o que torna o texto dinâmico e atraente aos leitores. Ao trabalhar as duas modalidades linguísticas, os textos em quadrinhos operam numa relação de complementaridade entre o visual e o linguístico, o que possibilita o preenchimento de possíveis lacunas interpretativas deixadas por alguma das modalidades.

Em relação à definição dos gêneros em quadrinhos, há de se considerar algumas definições a respeito do que Ramos (2011) chama de “hierarquia genérica”. Para o autor:

[...] os quadrinhos compõem um campo maior, denominado hipergênero, que agrega elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos, como o uso de uma linguagem própria, com elementos visuais e verbais escritos, e a tendência à presença de sequências textuais narrativas [...]. Tais características seriam percebidas em uma gama de gêneros autônomos, unidos por esses elementos coincidentes (RAMOS, 2011, p.1).

Entre essa gama de gêneros autônomos, está o que chamamos de tiras em quadrinhos. Esse gênero é o mais comumente veiculado na mídia em geral e pode ser considerado um meio de comunicação de massa, pois circula numa variedade imensa de esferas midiáticas. Assim, as tiras de quadrinhos podem ser encontrada sem livros didáticos, em páginas de jornais, em sites especializados, nas redes sociais, entre outros.

Segundo Lins e Gonçalves (2013), as tiras são sequências de, quase sempre, três quadros, em que o autor apresenta, sustenta e conclui uma ideia, com o objetivo de prender a atenção do leitor, causando-lhe o riso e a reflexão. De acordo com o Dicionário Aurélio Online da Língua Portuguesa, esse gênero se define por ser um “Cada uma das faixas horizontais de uma banda desenhada, que tem normalmente um conjunto de vinhetas”.

Em relação às temáticas, as tiras em quadrinhos abordam os mais diversos assuntos, que vão desde pequenas historietas até relatos do contexto social, com a intenção de críticas e ironias. Os temas são escolhidos, então, de acordo com a intenção e a finalidade do autor, bem como do público-alvo que ele pretende atingir com a obra.

Lins e Gonçalves (2013) fazem as seguintes afirmações a respeito das tiras em quadrinhos:

Elas podem apresentar sequências em edições ou diárias, mas o mais comum é serem fechadas, ou seja, cada dia uma história. Pode-se considerar que, no que diz respeito às tiras de quadrinhos, uma história se passa no espaço de uma só tira, perpassando os quadros que a constituem; mas, também, que, de tira para tira, um assunto se desenvolva, atinja ampliações consideráveis (LINS; GONÇALVES, 2013, p.53).

Compreendemos, então, que as tiras em quadrinhos são divididas horizontalmente, com um número limitado de quadros. Estes são compostos por elementos das modalidades verbal e não-verbal, como os balões, que representam as falas, os pensamentos e as expressões dos personagens e dos elementos que formam o cenário, além dos personagens. No que diz respeito à estilística, é recorrente o uso da linguagem informal com marcas de oralidade, pois as interações tratam, na maioria das vezes, de diálogos produzidos no cotidiano. Esse seria um dos fatores que fazem das histórias em quadrinhos um gênero de fácil acesso a seus leitores.

Ramos (2011) elenca uma série de características próprias ao que ele denomina “tiras cômicas”. São elas:

- Apresentam formato fixo, de uma coluna;
- A tendência é que o formato seja horizontal, de um (mais comum) ou dois andares; em revistas em quadrinhos, pode aparecer também na vertical;
- A tendência é de uso de poucos quadrinhos, dada a limitação do formato (o que constitui narrativas mais curtas); em geral, fica entre uma e quatro vinhetas (embora haja casos que utilizem vários quadrinhos);
- A tendência é de uso de imagens desenhadas; há registro de casos que utilizam fotografias, mas são raros;
- Em jornais, é comum aparecer na parte de cima da tira o título e o nome do autor; em coletâneas feitas em livros e em blogs, essas informações são suprimidas das tiras porque aparecem em geral na capa da obra;
- Os personagens podem ser fixos ou não;
- Há predomínio da sequência narrativa, com uso de diálogos;
- O tema abordado é sobre humor;
- Há tendência de criar um desfecho inesperado, como se fosse “uma piada por dia”;
- A narrativa pode ter continuidade temática em outras tiras.

As tiras de quadrinhos possuem, portanto, características que se associam diretamente com a linguagem do humor. Propõe-se, neste trabalho, analisar os processos de produção de humor no *corpus* selecionado, com base nas teorias pragmáticas e humorísticas visitadas anteriormente.

As implicaturas pelo humor resiliente nas tiras “Super Normais”

As tiras “Super Normais” são produzidas por quatro amigos brasileiros, que seuniram com o objetivo de produzir obras que falam sobre a inclusão de pessoas com deficiência no cenário social atual. Tais tiras são publicadas periodicamente no site chamado *Casa Adaptada* (<http://www.casadaptada.com.br/>) e na página da rede social *Facebook*, que recebeu o nome de “*SuperNormais: o poder da diferença*”. Além disso, os autores produzem tiras para outros sites e blogs sempre que solicitados. É por meio dessas páginas que os autores divulgam todos os seus trabalhos e interagem com os leitores.

Os autores dessas tiras são a consultora para inclusão Mirella Prosdócimo, o sociólogo Manoel Negraes, o jornalista Rafael Bonfim e o desenhista Rafael Camargo. Entre eles, apenas o desenhista não é deficiente. Os outros, convivem com a deficiência física há mais de quinze anos, por isso têm propriedade ao falar das dificuldades e dos desafios enfrentados por eles no dia a dia. Para os autores, uma pessoa com deficiência “[...] não é herói e nem digno de pena. É uma pessoa normal, supernormal, mas com uma condição diferenciada, que, quando busca a sua autonomia e independência, movimentada todos aqueles que estão em volta”(Autores de “Super Normais” em entrevista ao site <http://www.vercompalavras.com.br>).

Falar sobre deficiência e inclusão mostra-se bastante relevante, já que, de acordo com o último o Censo Demográfico realizado em 2010 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), há, no Brasil, um total de 45 milhões de pessoas com deficiências, o que representa cerca de 24% da população total do país.

Partindo das noções de Grice ([1975]1982), em seus postulados sobre o Princípio da Conversação e da Teoria das Máximas, é possível analisar as tiras de quadrinhos “Os Normais”, observando as situações comunicativas nelas presentes. Para Grice, nós não apenas interagimos, mas estamos a o todo tempo buscando intercambiar significados na conversação. Da mesma forma, o nosso interlocutor busca sempre entender e captar o que queremos realmente dizer quando falamos. É o que afirmam Oliveira e Basso (2014):

Se prestarmos atenção nas nossas interações linguísticas cotidianas, notaremos que em geral “lemos as mentes” dos nossos interlocutores, “sacamos” o que eles querem dizer sem que seja preciso sermos explícitos – “adivinhamos” suas intenções comunicativas (OLIVEIRA E BASSO, 2014, p.30).

Por isso, quando fazemos a leitura das tiras os “SuperNormais”, é possível perceber que a sua intenção vai além do que está simplesmente representado, de forma verbal e não verbal. Os criadores destas tiras buscam sempre levar-nos à reflexão sobre a situação dos deficientes no Brasil. É o que podemos afirmar com a análise das tiras abaixo.

Tira 1



Fonte: <<http://www.casadaptada.com.br/wp-content/uploads/2014/11/DEFICIENTES-SUPER-NORMAIS-3.jpg>>. Acesso em 8 de abr. 2017.

Na tira 1, observamos uma encenação em que um homem, aparentemente sem deficiência, está em um local, vê três pessoas deficientes se aproximando e faz uma abordagem desagradável, acumulando perguntas descontextualizadas.

Levando em consideração o Princípio da Cooperação de Grice ([1975]1982) e suas Máximas Conversacionais, constatamos que o homem sem deficiência quebra a máxima da quantidade, tendo em vista o número elevado de perguntas que dirige aos SuperNormais. Ou seja, em sua fala, ele pede mais informações do que o necessário e acaba sendo inconveniente.

Em contrapartida às indagações do personagem sem deficiência, os SuperNormais respondem: “*Somos chatos iguais a você, só isso*”. Essa fala também quebra uma das máximas propostas por Grice ([1975]1982), a da Quantidade, pois eles não fizeram da informação dada tão informativa quanto necessário, eles não forneceram as respostas solicitadas pelo personagem no segundo quadrinho. Outra máxima violada no terceiro quadrinho é a da relevância, pois o que os SuperNormais respondem não foi o indagado, assim a informação é irrelevante, naquele momento.

A violação dessas duas Máximas Conversacionais direciona para a seguinte implicatura: o personagem do sem deficiência acredita que os personagens deficientes, por serem chamados de “SuperNormais”, são super-heróis, por isso faz tantas perguntas a respeito do que são capazes de fazer. Já os SuperNormais, não gostando de tantas indagações, não respondem ao que foi perguntado, e falam apenas que o personagem sem deficiência é chato.

Tira 2

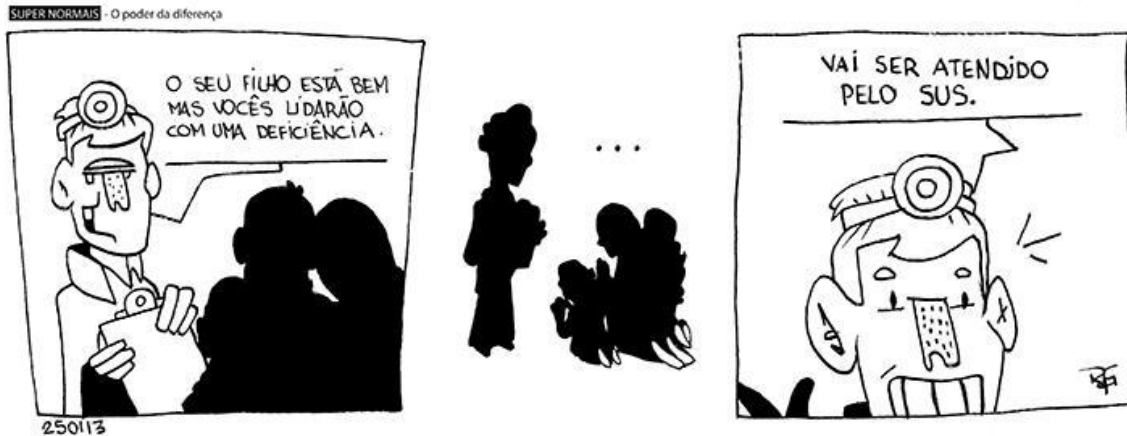


Fonte: <<http://www.vercompalavras.com.br/blog/wp-content/uploads/2013/03/TIRINHA-4.jpg>>. Acesso em: 8 de abr. 2017.

Na tira 2, os personagens do primeiro e segundo quadrinhos falam a respeito da causa que lutam em relação ao direito dos deficientes. No último quadro, há uma quebra de expectativa no que diz respeito ao tema sustentado nas primeiras cenas. O personagem do terceiro quadrinho também é deficiente, cego. Ele diz: “*Já encontrei minha causa, agora preciso saber onde deixei os meus chinelos*”. Ao proferir essa frase, o personagem acaba violando a Máxima Conversacional da Quantidade, pois ele fornece mais informações do que o solicitado no momento, quando diz que precisa saber onde deixou os chinelos. Outra Máxima quebrada é a da Relevância, pois a informação dada em relação à necessidade de encontrar os chinelos não é relevante para o momento da interação.

A partir da constatação da quebra dessas máximas, podemos dizer que a implicatura criada por essa tira é: O personagem cego acredita que a causa mais relevante para ele, naquele momento, sendo deficiente visual, é encontrar seus objetos pessoais pela casa, diferentemente dos outros dois personagens, que buscam lutar por causas mais sérias, problemas sociais, que atingem a totalidade dos deficientes.

Tira 3



Fonte: <<http://www.casadaptada.com.br/wp-content/uploads/2014/11/DEFICIENTES-SUPER-NORMAIS-15.jpg>>. Acesso em: 8 de abr. 2017.

Na tira 3, acima, há a quebra da Máxima do Modo, proposta no Princípio da Cooperação, por Grice ([1975]1982). Nessa máxima, devemos levar em consideração não o que é dito, mas sim como é dito, observando as submáximas: Evite obscuridade de expressão, evite ambiguidade, seja breve e seja ordenado. Neste caso, o médico utilizou uma expressão obscura e ambígua, pois, ao falar de deficiência em uma consulta médica, o paciente provavelmente interpretou o termo como insuficiência física ou mental, quando, na verdade, a deficiência seria no Sistema Único de Saúde do país.

Identificada a Máxima Conversacional violada, podemos definir que a implicatura criada por essa tira é: o médico acredita que o Sistema Único de Saúde do país é ineficiente e que essa deficiência é maior que qualquer outra do corpo ou da mente, e é com isso que os pais deveriam se preocupar naquele momento.

Tira 4



Disponível em:

<<https://www.facebook.com/superNormais/photos/a.272124649592219.1073741829.151688771635808/572073462930668/?type=1&theater>>. Acesso em: 8 de abr. 2017.

Na tira 4, o personagem representado é um cartunista, que aparece em frente ao computador desenhando. No primeiro quadrinho, ele aparece lendo um possível comentário deixado para ele no computador: “*Meu caro cartunista, os anões reivindicam sua cota de tiras...*”. Após ler o comentário, ele demonstra um pequeno descontentamento. Já no segundo quadrinho, aparece mais um comentário feito ao cartunista, que diz: “*Meu caro cartunista, os surdos reivindicam sua cota de manifesto...*”. A demonstração de descontentamento sugerida pela fisionomia do cartunista aumenta, demonstrando que ele não ficou muito satisfeito. Como prova disso, no terceiro quadrinho, o personagem é irônico e fala: “*Meu caro cartunista, a associação dos calvos sugere menção honrosa...*”, pois o mesmo é calvo.

Outro ponto importante que podemos observar para demonstrar a insatisfação do cartunista ao ler e fazer os comentários é o surgimento de mais um olho a cada quadrinho. No primeiro ele aparece apenas com um olho, já no terceiro, ele está com três olhos.

Em relação às Máximas de Grice ([1975]1982), nesta tira há o aparente rompimento da Máxima da qualidade, pois, no último quadro, o personagem diz algo que não é verdadeiro, pois inclui a calvície com deformidade física. Ele utiliza o recurso da ironia para dizer o contrário do que pensa, acabando por dizer o que julga ser falso.

Identificando a Máxima Conversacional violada, podemos dizer que a implicatura criada por essa tira é: o cartunista acredita que não é possível dar destaque, em suas criações, a todos que acreditam ter algum tipo de deficiência ou falta de algum atributo, pois, se assim fosse, não haveria espaço para tantas representações em seus desenhos.

Analisadas as tiras 1, 2, 3 e 4, com base nos postulados sobre o humor visitados anteriormente, percebemos que, como afirmam Lins e Gonçalves (2013), o objetivo do humor produzido por essas tiras é, de fato, responsável por provocar uma atitude nos leitores diante a situação representada pelas tiras.

Baseados nas teorizações de Bergson (1987), percebemos que a comicidade das tiras está dentro dos defeitos humanos, dentro das deformidades ou deficiências apresentadas pelos personagens das tiras. Para isso, os leitores devem esquecer temporariamente a afeição ou identificação que sentem, para poderem chegar ao efeito humorístico dos textos.

Observando as tiras a partir dos estudos sobre o humor de Propp (1992), é possível dizer que, para rirmos delas, é preciso que percebamos a comicidade que há em seus textos, a partir da representação de personagens que possuem particularidades.

Com o avanço das teorias humorísticas, podemos, também, analisar as tiras apresentadas à luz dos postulados sobre o humor resiliente. Assim, é evidente que as tiras “SuperNormais” são reflexos da realidade de seus idealizadores, que utilizam criações bem-humoradas para relatar acontecimentos usuais da vida dos deficientes. Ao tomarem esse posicionamento, os autores mostram-se resilientes, pois se utilizam do humor para retratar os acontecimentos negativos. É uma maneira de enfrentar positivamente a deficiência, além de demonstrar o preconceito e a intolerância com essa parte tão significativa da sociedade.

Considerações finais

O estudo feito a partir das interações contidas nas tiras “Super Normais” nos leva a concluir que o processo de interpretação textual deve ir muito além do que está meramente representado na superfície do texto, de forma verbal e não-verbal. Para que se compreenda satisfatoriamente estes textos multimodais, os processos de produção do

humor e suas implicaturas, é preciso que o leitor tenha um olhar que vá além da decodificação de elementos meramente linguísticos.

O sentido construído nas tiras de quadrinhos observadas está baseado nos conceitos de Grice ([1975]1982) sobre o Princípio de Cooperação e das Implicaturas Conversacionais, que foram constatadas em todos os casos analisados. Assim, comprova-se que, nas interações, levamos em conta não apenas o dito, mas, também, o implicado.

Além disso, também foi constatado que os autores das tiras fazem uso da resiliência psicológica, aliada ao humor, para retratar situações reais nas tiras. Para Gomes (2008), o humor resiliente pode ser um aliado na superação das dificuldades e, no caso dessas produções, ele leva uma mensagem de criticidade, pois faz com que o leitor se conscientize do preconceito e das dificuldades enfrentadas pelos deficientes físicos na sociedade atual.

Referências

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deeficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2016. 50

GOMES, V. *O bom-humor de professores de uma escola especial e a comicidade que a corrompe: uma “leitura-sentida a partir de Bergson*. 19 de dez. 2008. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2008.

GONÇALVES, L. S. A construção do humor em cartuns educativos. In: LINS, M. P. P.; CARMELINO, A. C. (orgs.) *Linguagem do humor: diferentes olhares teóricos*. Vitória: Ufes, Programa de Pós-Graduação, 2009.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. (Trad. João W. Geraldi). In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística: Pragmática*. Campinas, 1982, v.8.

LINS, M. P. P. *O humor como discurso de prevenção: o cartum sob a ótica da Pragmática*. Vitória: PPGEL – UFES, 2013.

_____. A Pragmática e análise de textos. *Revista Contextos Linguísticos*, Vitória, n. 2,

p. 158-176, jan. 2008.

_____. *O humor em tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres de Mafalda*. Vitória: Grafer, 2002.

OLIVEIRA, R. P. de ; BASSO, R. M. *Arquitetura da conversação - teoria das implicaturas*. São Paulo. Parábola. 2014. 51

PROPP, V. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.

RAMOS, Paulo. Gêneros do humor nos Quadrinhos. In: LINS, M. P. P.; CAPISTRANO, R. C. Jr (Orgs.) *Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos*. Vitória: PPGEL - UFES, 2014.

_____. *Histórias em Quadrinhos: Gênero ou Hipergênero*. Estudos Linguísticos. (São Paulo. 1978), v. 38, p. 1-14, 2009.

_____. *Tiras, gênero e hipergênero: como os três conceitos se processam nas histórias em quadrinhos?* Publicado em: VI Siget – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, Natal/RN, 16 a 19 de agosto de 2011. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Paulo%20Ramos%20\(UNIFESP\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Paulo%20Ramos%20(UNIFESP).pdf).

Acesso em: 12 de abr. de 2017.

DIONÍSIO, B. *Amigos criam tirinha para falar sobre deficiência física e ser humano*, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/10/amigos-criam-tirinha-para-falar-sobre-deficiencia-fisica-e-ser-humano.html>>. Acesso em: 12 de abr. 2017.

MOTTA, L. M. V. de M.; *Quem são os Super Normais*, 2013. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/blog/quem-sao-os-super-normais/>>. Acesso em: 12 de abr. de 2017.

WAGMAKER GONÇALVES, D.; LINS, M. P. P.; Implicaturas desvelam o humor resiliente m cartuns: deficiência e preconceito. In: LINS, M. P. P. (org.) *Explicando o humor pela pragmática*. Vitória: Ufes, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.